

Minha vida com Emil Zatopek

Certamente a vida não pode ser um conto de fadas. Mas o que eu tinha vivido com Emil até ali me levava a acreditar que nossa felicidade e nossa sensação de uma vida plena não nos abandonariam no futuro.

Por DANA ZATOPKOVA

DIA 24 DE JULHO de 1952. Já era de tarde quando me sentei no vestiário do estádio olímpico de Helsinque com uma toalha na cabeça, tentando com todas as forças concentrar-me na prova final de lançamento de dardos e não pensar no que estava acontecendo na pista de atletismo – onde Emil tinha acabado de correr a final dos 5.000 metros.

Assim que entrei no estádio, todos vieram me dizer que Emil tinha vencido de forma admirável. Naquele momento, tudo o que eu queria era ganhar. Usei toda a minha força e decisão no primeiro lançamento. O painel mostrou a marca de 50,47 metros, que ninguém conseguiu superar até o fim da competição. Ganhei a medalha de ouro graças a Emil, que me ensinou a lutar.



Dana e Emil— Do ouro olímpico para o sonho dourado.

Saí para dar uma volta naquela noite, sentei-me diante do mar e tentei colocar meus pensamentos em ordem. *Não haverá outro dia como esse por muito tempo*, disse a mim mesma. No mesmo dia, Emil e eu tínhamos conseguido o ouro olímpico. Éramos jovens, felizes e apaixonados. Certa-

fama diminuísse e a breve carreira esportiva chegasse ao fim, outras situações pelas quais valeria a pena lutar iriam com certeza aparecer, e isso nos uniria tão ardentemente quanto o desejo de vencer as provas olímpicas. O fato de que tal ocasião decorreria – entre outras possibilidades – da presença dos tanques soviéticos em Praga nunca me ocorreu.



Persistência– Emil superava concorrentes com treino intenso.

mente a vida não pode ser um conto de fadas... Mas o que eu tinha vivido com Emil até ali me levava a acreditar que nossa felicidade e nossa sensação de uma vida plena não nos abandonariam no futuro. Quando a

CONHECI EMIL numa prova de atletismo na cidade de Zlin, em 1945. Cumprimentamo-nos mutuamente pelos recordes checoslovacos que tínhamos batido ali. Ele entrou para o Exército e, ao mesmo tempo, decidiu competir e tentar ser o melhor corredor de longa distância do mundo. Sabia que não era muito rápido e concluiu que só poderia superar os outros corredores com sessões de treinamento muito mais intensas, que lhe permitiriam alternar seu ritmo de marcha. Logo se comentava que Emil treinava como se sentisse prazer com o exaustivo programa de exercícios. Como era amador, só podia treinar depois de oito a dez horas de trabalho diário como soldado. Mas tinha algo que sempre admirei e que também passou a me impulsionar depois que nos encontramos: a grande motivação para descobrir reservas insuspeitadas de energia.

Emil era o sétimo de oito filhos e, como era costume então, obedecia não somente aos pais mas também aos irmãos mais velhos. Certa vez decidiu se exhibir roubando uma ca-

neca de um velho mal-humorado no mercado. Atirou uma pedra para o outro lado, de forma a distraí-lo, e pegou a caneca bem debaixo de seu nariz. Ao contrário dos outros, conseguiu provar que era o melhor.

– Emil, você roubou esta caneca, seu ladrãozinho! – a mãe gritou com ele quando voltou para casa.

Emil ficou envergonhado e nunca mais fez algo semelhante. Compreendeu que o sucesso não pode ser obtido à custa de outra pessoa.

Talvez por essa razão ele tenha sempre escolhido o caminho mais honesto para o sucesso nos esportes – a imposição de exigências inflexíveis a si mesmo. Treinava freqüentemente à noite, correndo pelos bosques escuros.

MESMO DEDICANDO quase todo o nosso tempo livre ao atletismo, ficávamos juntos o máximo possível e logo começamos a planejar o casamento. Havíamos nascido no mesmo dia, 19 de setembro de 1922, e queríamos nos casar no dia de nosso aniversário. Como sempre, no entanto, as corridas tiveram prioridade. O casamento também foi ameaçado por outra razão. Meu pai havia sido, antes da guerra, oficial do Exército da Primeira República Tchecoslovaca e isso mancharia a ficha política de Emil.

Como oficial, ele devia pedir a seus superiores permissão para se casar, mas esta lhe foi negada. Emil me contou isso e disse, olhando-me com um sorriso nos olhos sinceros:

– Mas eu nunca vou desistir de você, Dana.

O que isso lhe custará?, perguntei-me. O regime comunista era conhecido pelo poder de dominar as pessoas ou, no mínimo, suas carreiras. Emil era um homem objetivo, tanto nas pistas quanto na vida.

– Quero me casar com ela – disse aos superiores. – Se isso não for possível de outra forma, deixarei o Exército.

Arriscou o emprego e a carreira esportiva, mas não cedeu. No outono de 1948, nós nos casamos. A cerimônia religiosa exasperou ainda mais seus superiores.

VÁRIOS MESES antes dos Jogos Olímpicos de Helsinque, Emil foi persuadido por um amigo médico a comparecer a um torneio do Exército, na cidade de Hradec Kralove, em cujo hospital trabalhava o professor Rudolf Vavra, famoso fisiopatologista checo. Por acaso, estava realizando um seminário para demonstrar um exame cardiológico feito com aparelhos de última geração. Os colegas do professor introduziram Emil sorrateiramente na cabine de exames e esperaram para ver o que aconteceria.

– Então, quem temos aqui? – perguntou o professor.

– Um jovem soldado – responderam eles.

Mas, quando o professor ligou as máquinas, ficou chocado.

– Meu Deus, esse indivíduo tem uma grave deficiência cardíaca!

– O senhor está enganado, profes-

sor – responderam, rindo, os colegas. – Ele é totalmente saudável. Esse é Emil Zatopek, o campeão olímpico dos Jogos de Londres.

– Pouco me importa quem ele seja. Não deveria estar correndo – insistiu o professor.

Emil achou melhor ir embora da-



Em Sincronia– Dana ganhou o ouro no mesmo dia em que Emil.

li, por medo de que o professor Vavra o proibisse de correr. Recusou-se a tomar conhecimento de sua insuficiência cardíaca. Como sempre, acreditava que a força de vontade o faria superar qualquer obstáculo.

Uma noite, chegou em casa sentindo-se realmente angustiado.

– Eles não querem enviar Stan para os Jogos – disse assim que entrou.

Stanislav Jungwirth, seu jovem e talentoso colega da equipe atlética, recordista checoslovaco e, mais tarde, mundial na corrida de 1.500 metros, teve os mesmos problemas que enfrentei por causa de meu pai. Ele só recebia permissão para correr em provas domésticas, na Checoslováquia ou em outros países comunistas. Emil asseverou as “qualidades morais” do amigo, mas em vão.

Emil andava de um lado para o outro em silêncio e eu me perguntava em que estaria pensando. Na verdade, sua atitude não me surpreendeu – ele apenas fez o que tinha de fazer. Na véspera de sua partida para as Olimpíadas de Helsinque, foi divulgada a lista de atletas escalados. O nome de Jungwirth não estava entre os outros. Emil ficou de pé e disse, calmamente:

– Se Jungwirth não vai, cortem meu nome também.

Os dirigentes temeram uma repercussão internacional negativa e tentaram convencê-lo de que houvera um engano.

– Não podemos admitir que um atleta excelente como ele fique em casa – afirmaram. – Ele viajará no próximo avião.

Emil ficou de pé novamente.

– Está certo, vou esperar e viajar com ele – declarou.

Arrumou seus pertences e foi treinar no estádio de atletismo em

Strahov. Três dias depois, um carro veio buscá-lo. Havia passagens aéreas para ele e Jungwirth, e ambos voaram juntos para as Olimpíadas.

NÃO TEMOS lembranças tão agradáveis dos Jogos Olímpicos seguintes, em Melbourne – pelo menos em termos de resultados esportivos. Emil vinha de uma recente e grave operação de hérnia, resultado de sua teimosia e de seus métodos peculiares de treinamento. Estava na moda trabalhar com pesos e ele costumava me carregar nas costas enquanto corria. “Quando não estiver carregando você, voarei como um pássaro”, dizia, sorrindo.

Nada podia abalar sua convicção de que um bom desempenho era apenas o resultado de treinamento sob condições adversas. Afinal, teve de se submeter a uma cirurgia e, apenas um mês depois, conseguiu um mero sexto lugar na maratona olímpica. Meu próprio desempenho foi prejudicado e não consegui obter a medalha de ouro no lançamento de dardos.

Emil levou tudo na esportiva – sabia ganhar, mas também sabia perder. Entretanto, ainda venceu várias corridas, de maior e menor importância. Até que, de repente, em 1958, decidiu aposentar seus tênis de corrida – e se deixou fotografar fazendo isso.

– Assim não vou poder mudar de idéia depois – explicou.

Ele esperava que eu também fosse

desistir do lançamento de dardos.

Mas eu tinha outra opinião. Parecia que, pela primeira vez, não concordávamos sobre uma questão importante. Eu queria competir mais uma vez nos Jogos Olímpicos. Treinei como nunca havia treinado antes. Meu detalhado cronograma de treinamento estava pendurado na porta da cozinha – e previa até a fase final da competição olímpica. Emil levou muito tempo para aceitar isso. Preocupava-se, pensando que eu já passara da idade. Chegou a escrever no meu diário de treinamento: “Não vai haver nenhuma final, só choro e ranger de dentes.” Mesmo assim, cruzou os dedos e me ajudou. Valorizou a medalha de prata que obtive em Roma, em 1960, mais do que a de ouro de Helsinque. Afinal de contas, eu já estava com 38 anos.

Depois dos Jogos de Roma, fomos convidados muitas vezes para coletivas de imprensa, sempre lotadas. Emil já estava habituado à popularidade, mas também tinha sua dose saudável de vaidade masculina. Éramos sempre apresentados como “Emil Zatopek e sua mulher Dana”. Mas uma coletiva em particular havia sido organizada por meu colega da equipe de dardos, Honza Perek, que abriu o evento com as seguintes palavras: “Gostaria de apresentar a desportista campeã Dana Zatopkova...” E prosseguiu enumerando todas as minhas vitórias, para somente no fim acrescentar: “...e gostaria também de agradecer a presença de seu marido, Emil Zatopek.” Emil

olhou para mim e comentou, seccamente: “Acho que finalmente recebi o tapa que merecia.”

DEPOIS DAS Olimpíadas de Roma, encerrei minha carreira como atleta e passamos a levar uma vida um pouco mais normal. Lamentávamos apenas o fato de não termos filhos. Isso era especialmente duro para mim, mas Emil sempre me confortou: “Não se preocupe, Dana, nem todos podem ter essa sorte, só nos resta aceitar o fato – a humanidade não vai perecer.” Tornei-me treinadora e isso afinal me fez viver entre crianças o tempo todo. Era bom ajudar não somente os mais talentosos, mas também os simples entusiastas do esporte.

Esse período de vida normal seria ainda mais breve do que a carreira esportiva. Em 1968, Emil entrou para a política com o mesmo entusiasmo que dedicara às corridas. Viajava para conferências, falava com as pessoas nas ruas. Ambos assinamos a declaração política conhecida como Duas Mil Palavras em Apoio às Reformas. Foi uma época maravilhosa, cheia de novas esperanças, e eu me recordava com frequência daquela noite à beira-mar, em Helsinque, e de como havia temido nunca mais experimentar tamanha felicidade.

ENTÃO OS tanques do Pacto de Varsóvia avançaram sobre a Checoslováquia.

Uma noite, Emil voltou para casa e me contou que estava colando cartazes no centro de Praga, quando,

de repente, um soldado russo surgiu atrás dele com uma metralhadora. Emil ficou paralisado e pensou que havia chegado sua hora. Mas o soldado não atirou.

– Acho que não quis – disse Emil, encerrando o assunto.

No início de 1969, foi desligado do Exército. Só conseguiu emprego como trabalhador braçal. Cavou poços e explorou depósitos de urânio em Jachymov. Mas nunca pensou em emigração. “Que idéia é essa? Justo quando nossa nação está de joelhos?”, perguntava, alteando a voz.

Eu não tinha medo de que o trabalho físico lhe fizesse mal. Mas me flagrei pensando em como isso mudaria nossas vidas. *Como Emil irá reagir quando as pessoas que antes o cumprimentavam com tapinhas nas costas começarem a evitá-lo?* Além disso, até então passávamos a maior parte do tempo juntos. De uma hora para outra, porém, ele tinha de trabalhar em uma pesquisa geológica e só voltava para casa de 15 em 15 dias. Eu sentia a injustiça da nossa situação mais do que Emil. Mas pelo menos sabíamos que não éramos os únicos, que fatos semelhantes estavam acontecendo a centenas de milhares de pessoas respeitáveis.

Os companheiros de trabalho de Emil não o aceitaram imediatamente.

– Um camarada tão famoso e acabou manejando uma pá. De que servem as medalhas olímpicas agora, se você não consegue nem carregar um saco de cimento? – caçoavam.

– Sempre fui bom em provas de

resistência, por isso preciso de um chassi leve – respondia Emil.

Quanto às medalhas, ele nunca ligou realmente para elas. Em 1968, deu uma de suas medalhas de ouro para Ron Clark, o lendário corredor australiano de longa distância que nunca vencera uma Olimpíada. E as teria dado todas de presente, se eu não as tivesse escondido. Para ele, o mais importante era superar obstáculos. E assim, esforçou-se e estudou, até parecer que sempre tinha sido geólogo.

Certa vez, durante uma viagem de pesquisa, um pesado tonel caiu sobre sua perna, danificando o músculo da coxa. Mais tarde ele sofreu outro acidente ao dar partida num motor, quebrando o braço em dois lugares. Sabia que nunca mais seria capaz de correr como antes. Mas desprezou o fato. “Sabe, Dana, são os tempos difíceis que nos fazem fortes”, dizia ele, e me contava sobre seu trabalho nas minas de urânio e como também o mundo era bonito e colorido por baixo. Isso estava de acordo com sua máxima de vida: “Você pode comemorar as vitórias, mas só pode aprender com as derrotas.”

DURANTE TODO aquele período, nós nos sentíamos confortados e apoiados pela consciência de que tínhamos em todo o mundo amigos

no esporte que não nos haviam esquecido. Herbert Schade, a quem Emil derrotara nos 5.000 metros de Helsinque, escreveu-nos, assim como muitos desportistas e juízes da Alemanha, Suécia, Grã-Bretanha, Finlândia e de outros países. Como campeões olímpicos, tínhamos mais sorte do que muitos outros. A Asso-



O Que Realmente Importa- Emil chegou a dar uma de suas medalhas.

ciação Esportiva Checoslovaca recebia dezenas de convites para nós, perguntando como estávamos e se iríamos comparecer aos eventos. E, assim, acabamos conseguindo permissão para ir ao exterior novamente – de início um de cada vez, pois os homens no poder sabiam muito bem que os Zatopeks não se separariam.

Um dia, Emil foi escolhido para ir como convidado de honra às Olimpíadas de Munique. As autoridades checoslovacas, com isso, não esta-

vam lhe prestando nenhuma homenagem pessoal – um acordo político estava sendo discutido com a Alemanha, e o regime fazia assim um favor a Willy Brandt. Numa recepção em Munique, Emil encontrou-se com Abebe Bikila, bicampeão olímpico da maratona, então preso a uma cadeira de rodas – apático, conformado com seu destino, sem energia. Emil o observou e não gostou da piedade que todos demonstravam por ele. Até que não pôde mais se conter e pediu duas taças de champagne. Dirigiu-se ao famoso corredor etíope, ofereceu-lhe uma das taças e disse: “O destino de Bikila é duro, mas não é triste. Ele conheceu grande felicidade, maior do que os outros podem imaginar, e se tornou um herói em toda a África.”

Emil falava também por si mes-

mo – era a sua mensagem a todos que tentaram, em vão, derrotá-lo.

O QUE EMIL me deu, além de 50 anos maravilhosos de vida em comum? Muitos ensinamentos que eu gostaria de passar adiante: Nunca desista, diante de nenhuma circunstância da vida. Saiba encontrar alegria em dias absolutamente comuns. E ainda aprendi com Emil que tudo de que a pessoa precisa para estar feliz é fazer o que gosta, e fazê-lo honestamente. A vitória, seja na pista de atletismo ou na vida, com certeza chegará, mais cedo ou mais tarde.

Em 1953, Zatopek foi o vencedor da corrida de São Silvestre, chegando 500 metros à frente do segundo colocado e quebrando o recorde do percurso.

SANTA INGENUIDADE



Ao renovar minha carteira de motorista vi um aviso dizendo que era crime dar informações incorretas.

– Esse não é meu peso real – confessei à funcionária, ao rever meu formulário.

– Tudo bem – disse ela. – Esperamos mesmo que as pessoas escrevam o peso que dizem ter aos amigos.

–CANDY CHAND, EUA

Sou professor de inglês em Formosa e dependo de uma colega chinesa que traduz para mim quando os alunos não entendem o que digo. No princípio de cada semestre costumo contar algumas piadas para deixar os recém-chegados à vontade. Sem saber se estavam perdendo o sentido na tradução, perguntei à minha colega se ela traduzia ao pé da letra ou livremente.

– Para dizer a verdade, não entendo suas piadas – respondeu ela.
– Peço que os alunos riam.

–STEVEN CROOK, Formosa